



Antonio Candido no espelho

Antonio Candido in the mirror

SALDANHA, Fabio Pomponio¹

Universidade de São Paulo

fabio.saldanha@usp.br

RESUMO: Em um exercício de debate desconstrutor, metacrítico e metateórico, retomo Antonio Candido, buscando entender, a partir do signo da Branquitude, como seu modo de leitura, ao lidar com a diferença, principalmente a racial, transforma o exercício crítico em um mecanismo de supressão da mesma, de acordo com a perspectiva formada pelo autor uspiano, traduzindo a escrita da história como a aceitação da escrita do tempo, a partir do recorte focado exclusivamente na narrativa embranquecida da Modernidade. Assim, “violência” se torna quase um sinônimo da historiografia de Candido, como buscarei propor. É só entendendo o ritmo de Candido que poderemos, assim, não supor sua superação, mas entender os dilemas e os ditames que ainda são carregados a partir de seu nome ou, até mesmo, em respostas críticas ao seu método. Para isso, usarei como exemplo a leitura de Candido para os diários de Lima Barreto, buscando não propor que, dado os problemas apontados na leitura, poderíamos inocular o texto de Candido por ver nele algo de problemático mas, sim, encarando-o como problemático, que passemos a ler o autor uspiano em uma outra chave, a de sua branquitude, não a partir de seus Humanismos ou Marxismos.

Palavras-chave: Antonio Candido; Branquitude; Violência; Metateoria

ABSTRACT: In an exercise of deconstructive, metacritical, and metatheoretical debate, I return to Antonio Candido, seeking to understand, based on the sign of Whiteness, how his way of reading, when dealing with difference, especially racial difference, transforms the critical exercise into a mechanism for suppressing difference, according to the perspective formed by the uspiian author, translating the writing of history as the acceptance of the writing of time based on a focus exclusively on the whitened narrative of Modernity. Thus, “violence” becomes almost synonymous with Candido’s historiographical research, as I will seek to propose. It is only by understanding Candido’s rhythm that we can, thus, not assume its overcoming, but understand the dilemmas and dictates that are still carried from his name or even in critical responses to his method. To this end, I will use Candido’s reading of Lima Barreto’s diaries as an example, seeking not to propose that, given the problems pointed out in the reading, we could inoculate Candido’s text by seeing something problematic in it, but rather, viewing it as problematic, that we begin to read the uspiian author in another key, that of his whiteness, not from his Humanisms or Marxisms.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8655-1334>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1926147719855869>.





Keywords: Antonio Candido; Whiteness; Violence; Metatheory

1 INTRODUÇÃO

A língua em que falo e escrevo não me pertence. O que de fato escrevi está separado e distanciado do que eu pretendia dizer, a tal ponto que minhas palavras parecem escapar incessantemente ao meu controle. O “eu” discernível no que realmente escrevi parece indiferente ao “eu” que estava produzindo o discurso há apenas um momento. Assim, no que me diz respeito, “minhas” afirmações, aquelas que me são atribuídas, apenas revelam e dramatizam a ausência do “eu” no que escrevi. Pois existe uma distância irremediável entre o “eu” que escreve e o “eu” expresso e inscrito na linguagem. Qual é a natureza dessa distância incompreensível, desse atraso que me priva da propriedade e da soberania sobre essas palavras que supostamente me pertencem? É possível imaginar uma linguagem na qual essa ruptura, distância e atraso sejam desconhecidos, na qual o “eu” que escreve seja sempre e já idêntico ao “eu” registrado? Se tal linguagem fosse de fato possível, a quem ela pertenceria, e quem pertenceria a ela? E se é possível imaginar tal linguagem, qual é o regime no qual tal imaginação é possível?

Naoki Sakai, *Voices of the Past*.

Parece-me, às vezes, mais do que desnecessário nos repetirmos em paráfrases ou citações da vasta obra de Antonio Candido, quando nos deparamos com a forma escolhida pelo autor, o ensaísmo, para a representação de suas ideias e conceitos analíticos, cujo imanentismo ultrapassa os limites da permissão ao questionamento do impresso em seus textos.

Em mais uma volta no parafuso, quiçá, escrever em torno do autor uspiano exija uma série de possíveis melindres, ao encararmos uma melancolia reincidente quando tratarmos do autor segundo qualquer paradigma que não preveja, em sua gênese, a manutenção do discurso estabelecido desde *Os parceiros do Rio Bonito* e *Formação da Literatura Brasileira*, produzidos em concomitância e com uma série de reverberações entre um e outro (Moraes, 2015; 2023).² Ainda mais se, tornando-se talvez necessário ensaiar as próprias questões do *início*, como responder a Candido sendo que,

² Muito da estranheza com a lógica familiar na qual se reproduz acriticamente o dito por Candido pode ser visto na resenha publicada por Moraes (2020) a *Antonio Candido 100 anos*.





desde o princípio de sua carreira, o autor respondia, publicamente, desta forma às críticas a seu trabalho? (Candido, 2023b, p. 17-18, grifos meus):

No Brasil, estamos de tal maneira viciados com introduções pomposas, que não correspondem à realização, que preferi *uma apresentação discreta, convidando inclusive o leitor a deixá-la de lado se assim desejasse, para buscar adiante o essencial*. Por isso, encarar esse livro como uma espécie de vasta teoria da literatura brasileira em dois volumes, à maneira do que fizeram alguns, é passar à margem da contribuição que desejou trazer para o esclarecimento de dois dos seus períodos [...] *Agradeço, a todos os que se ocuparam deste livro, pró ou contra, menos, é claro, dois ou três que manifestaram má vontade injuriosa*.

Se meu ensaísmo começa com este ponto como introdução, o que isso diria, afinal, *de mim*? Como experiência de pesquisa, creio, é possível enxergarmos certo moralismo excessivo a cruzar os limites imagináveis de qualquer mecanismo criador de conceitos nos Estudos Literários se tomamos Candido como paradigma, vendo, assim, na gênese da economia da polêmica, deslizes e contradições a se manterem estanques, porque a forma como se pensa a maneira de *criar* gerações de pensadores, professores e pesquisadores das/nas Letras envolve uma lógica colonial embranquecida, herdada daqueles que, por sua vez, formaram e foram a forma a se reproduzir em Candido³ (Reis, 1992).

Não como resposta direta e muito menos como vontade de contradizer, penso, por exemplo, no seguinte excerto:

O trabalho intelectual de Antonio Candido — como professor, crítico e historiador da literatura, considerada enquanto parte integrante do processo de formação de uma cultura brasileira — representa um desafio. Pois desde seus passos mais iniciais ele se propõe a ser *uma aventura inquieta, uma forma de luta contra a imobilidade do pensamento*. Esse empenho combativo elege como

³ Penso, por exemplo, no orientador de Candido, Fernando de Azevedo, que ocupara o cargo de Secretário na Sociedade Eugenista do Estado de São Paulo, concomitantemente a seus trabalhos na tentativa de seguir construindo a USP como a Universidade do Futuro. Para além da relação possível ao pensarmos o quão pública era a relação de Azevedo com a eugenia (Silva, 2020), Candido, por exemplo, em *Textos de intervenção* (2002), realiza semi-hagiografias ao ex-orientador em mais de uma ocasião. Tal cumplicidade, quiçá, merece maior espaço do que um rodapé.





alvo as diferentes manifestações do *idealismo*, do *personalismo* e do *funcionalismo*, e tem por móvel a convicção de que a contradição é o nervo da vida. Isto significa a compreensão de *toda e qualquer* atividade como articulação de valores e práticas os mais diversos numa unidade cuja coerência seria sempre precária porque reconstituída a cada passo, no contato do pensamento com os dados fornecidos pela experiência (Pedrosa, 1994, p. 25, grifos meus).

Ainda que não concorde nem discorde completamente, creio que minhas tensões com a fortuna crítica candidiana tendem a ser um tanto mais visíveis na medida em que sigo tentando escrever em torno de Antonio Candido. Isso porque, como destacado no resumo deste texto, creio ser possível ver, no conteúdo a ainda ser dito aqui, que, de uma forma geral, se o método candidiano outrora se destacara pela inquietude do pensamento a recusar qualquer perspectiva paralisante, o resultado final de sua produção se torna uma tentativa de *imobilização do dissenso*, a partir do *falseamento do dinamismo*, do olhar do crítico a tentar registrar a sua perspectiva como a mais correta, a mais elaborada, exatamente por ver, no dualismo das coisas a serem escritas/descritas pelo seu olhar, uma impressão a ser considerada a derradeira, definitiva, sem discussão, ainda que num tom “discreto”. Descrição e discrição, assim, se tornam *normativização* (Moreiras, 2001).

O apagamento do dissenso na dicção moralista de Candido se torna, assim, uma perspectiva colonialista do olhar, no qual a naturalização das questões encontradas pelo crítico pulam de fora do texto para dentro do mesmo, invertendo a lógica dita como vista pelo crítico, na imanência da leitura, por entender seu próprio olhar como um prolegômeno indispensável para ser seguido e indisponível para ser contestado. Para isso, talvez seja importante destacarmos que, como uma questão teórica preliminar minha, visão branca se define como um:

sistema operacional fundamental para a construção da branquitude. Parafraseando a fórmula da feminista Simone de Beauvoir, não se nasce branco, mas se torna branco. É um sistema cultural aprendido, não uma característica inata. Consequentemente, uma pessoa por si só não tem uma visão





branca. O coletivo inventado “pessoas brancas” é que tem. Sempre olhando de cima, a visão branca examina a terra e coloca toda a vida sob vigilância. Para isso, ela conecta um conjunto de infraestruturas, centradas primeiro na estátua e no Estado, apoiadas por estatutos, e mais tarde na tela imperial. Hoje, essa tela se fragmentou em inúmeros dispositivos pessoais. A visão branca não vê tudo o que há para ver, mas projeta uma realidade branca. Qualquer falha em se conformar com essa realidade é corrigida com violência.

A filósofa caribenha Sylvia Wynter define essa maneira de estar no mundo como “monohumanismo”, que age “como se fosse o ser humano”. Monohumanismo significa que há apenas uma maneira de ser plenamente humano, que se torna conhecida como branquitude. Pessoas-não-brancas, nem é preciso dizer, veem e experimentam realidades vividas. A política visual e as práticas da branquitude, no entanto, buscam criar um tempo e um espaço em que as pessoas que se identificam como brancas possam agir como se sua realidade fosse a única que existe. Os filósofos apenas interpretaram esse mundo sensorial. Meu objetivo é atacá-lo. O ataque é a recusa em viver dentro da realidade apagada, patriarcal, racializante e violenta da visão branca. É uma greve geral pelo consentimento nas relações visíveis entre as pessoas (Mirzoeff, 2023, n.p., tradução minha).

Nesse sentido, quiçá, reinterpreto o desafio estabelecido por Pedrosa não como algo positivo, ou necessariamente positivo a depender da interpretação, mas como produtor de uma querela dentro da genealogia familiarista-filogenética (Süssekind, 1984; Storm, 2025) nos Estudos Literários brasileiros que tanto os antecede quanto os ultrapassam: a lógica da branquitude na narrativa historiográfica e no pensamento social brasileiro. Utilizarei como exemplo basal alguns trechos de “Os olhos, a barca e o espelho”, leitura de Candido em torno de Lima Barreto, tentando demonstrar tais problemas e tais óticas embranquecidas de leituras.

A escolha pelo texto no qual Candido dá preferência para comentar os escritos pessoais de Barreto vem de um constante incômodo observado por outras fortunas críticas na “adequação” necessariamente feita por críticos brancos cujo aparato teórico geralmente relega (não só) a literatura de Barreto a um lugar nem secundário, quiçá quinário, no grande paradigma da crítica literária (Sousa, 2023; Augusto, 2024). Para além de fazer coro a perspectivas recentes na forma de propor novos ditames capazes de mudar e *fazer diferente*





nos Estudos Literários brasileiros, aqui o foco recai na perspectiva de *reler Candido*, buscando, efetivamente, *por dentro do crítico*, tentar estabelecer metodologias de leitura que ressaltem sua branquitude e aquilo que entendo como um desejo de apagamento da diferença, fato que, muitas vezes, são o próprio arcabouço possibilitador de leituras elogiosas, nesse pacto formado (Bento, 2025) a estabelecer a visão branca (Mirzoeff, 2023) como a mais adequada para *ditar, impor* e *se reproduzir acriticamente* nos campos que conquistam (colonizam). Sendo assim, comecemos.

2 ANÁLISE 1

Texto reunido em “A educação pela noite” (Candido, 2023a), “Os olhos, a barca e o espelho” oferece uma leitura dos diários de Lima Barreto dado que, para Candido (2023a, p. 53-54):

talvez o Lima Barreto mais típico, seja o que funde problemas pessoais com problemas sociais, preferindo os que são ao mesmo tempo uma coisa e outra — como por exemplo a pobreza, que dilacera o indivíduo, mas é devida à organização defeituosa da sociedade; ou o preconceito, traduzido em angústia, mas decorrendo das normas e interesses dos grupos. E por aí afora. Esta concepção empenhada, quem sabe devida às circunstâncias da sua vida, nos leva a perguntar de que maneira as suas convicções e sentimentos se projetam na visão do homem e da sociedade, e em que medida afetam o teor da sua realização como escritor. Porque, se de um lado favoreceu nele a expressão escrita da personalidade, de outro pode ter contribuído para atrapalhar a realização plena do ficcionista. Lima Barreto é um autor vivo e penetrante, uma inteligência voltada com lucidez para o desmascaramento da sociedade e a análise das próprias emoções, por meio de uma linguagem cheia de calor. Mas é um narrador menos bem realizado, sacudido entre altos e baixos, frequentemente incapaz de transformar o sentimento e a ideia em algo propriamente criativo.

Parece haver algo em Candido que torce a possibilidade, inclusive, de dizer que *não*, não é a “melhor versão” de Barreto aquela disponível nos diários, dado que a própria materialidade daquilo a ser ensaiado por Candido esbarra na dificuldade de tornar preciso os valores, as métricas e aquilo a dever





ser considerado, então, o movimento basal comparativo daquilo que o crítico estabelece como maior/menor, mais válido/menos válido. Só é possível interpretar o esquema estabelecido por Candido se, em algum momento, nos deparamos com aquilo a poder ser considerada alguma prototeoria ou arcabouço limitado de visão a estabelecer os critérios — coisa que Candido, inclusive, *condena* quando se faz, ao menos em suas obras, como vimos no prefácio da *Formação* já citado. Nessa espécie de jogo de forças entre o Mestre-autor e seus alunos-leitores a se inspirarem nele, some na força a chance de se pensar que há mundo fora dessa cena de ensino — a menos que se entenda, claro, que a USP não é o Mundo.⁴

Barreto se torna, *por conta do paradigma estabelecido por Candido*, um escritor cujas particularidades fazem de si alguém necessariamente menor a, também, se tornar eixo aparentemente repetitivo em certa crítica cuja cumplicidade parece precisar ser restabelecida quando pensado o local privilegiado dado à formação da intelectualidade brasileira à branquitude.⁵ Mesmo se o texto termine defendendo que os espelhos barretianos seriam “questões particulares”

que expostas com “espírito geral” exprimem o ritmo profundo da escrita de Lima Barreto, a sua passagem constante da particularidade individual para a generalidade da elaboração romanesca (e vice-versa), que importa numa espécie de concepção do homem e do mundo, a partir de um modo singular de ver e sentir. Daí o interesse de tudo aquilo que, na sua obra, pode ser chamado literatura íntima: diários, correspondência, até os desabaços frequentes dos escritos de circunstância. Com efeito, trata-se de um elemento pessoal que não se perde no personalismo, mas é canalizado para uma representação destemida e não-conformista da sociedade em que viveu. Espelho contra espelho (para usar noutro sentido a imagem de Eugênio Gomes) é uma das atitudes básicas desse *rebelado* que fez da sua *mágoa* uma investida, não um isolamento (Candido, 2023a, p. 67, grifos meus).

⁴ O que, mesmo sendo verdade, influencia gerações de pensamento das mais espalhadas pelo Brasil, como se pode notar em Canarinos (2024).

⁵ Penso que tal cacoete candidiano se repete, por exemplo, em Santiago (2019) e Bosi (2007), que quase nada possuem de similitudes no modo de Candido de pensar ou escrever — a menos que se lembre de um certo prolegômeno pactual.





Tal paradigma vem do último destaque que Candido dá para uma citação de Barreto, n' *O cemitério dos vivos*: “Devia tratar de questões particulares com o espírito geral e expô-las com esse espírito”. O que vejo acontecer nas leituras que Candido oferece a Barreto pode ser resumido da seguinte maneira: a deleção da própria materialidade do texto produzido por uma pessoa negra faz do crítico branco alguém, de certa forma, não tão atento às críticas oferecidas pelo analisado dado que o analista não sabe ler, no próprio conteúdo escrito, por exemplo, a importância de um olhar que envolva *cuidado* e *racialidade* como uma prática de oferecimento de leituras ao outro e ao acolhimento do mesmo (Sousa, 2023), dada também a chance de pensarmos formas *outras* de existência, criação e pensamento que *não* as previstas/defendidas pelo analisante, neste caso, Candido e o projeto branco-Moderno-Occidental (Augusto, 2024). O trecho que Candido cita é o seguinte:

Certo dia em que me pus a pensar nisso, veio-me a reflexão de que não era mau que andasse eu a escrever aquelas tolices. Seriam como que exercícios para bem escrever, com fluidez, claro, simples, atraente, de modo a dirigir-me à massa comum dos leitores, quando tentasse a grande obra, sem nenhum aparelho rebarbativo e pedante de fraseologia especial ou um falar abstrato que faria afastar de mim o grosso dos legentes. Todo o homem, sendo capaz de discernir o verdadeiro do falso, por simples e natural intuição, desde que se lhe ponha este em face daquele, seria muito melhor que me dirigisse ao maior número possível, com o auxílio de livros singelos, ao alcance das inteligências médias com uma instrução geral, do que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões enfatuados, abarrotados de títulos e tiranizados na sua inteligência pelas tradições de escolas e academias e por preconceitos livrescos e de autoridades. Devia tratar de questões particulares com o espírito geral e expô-las com esse espírito (Barreto *apud* Candido, 2023a, p. 66-67).⁶

Creio que Candido se impossibilita de considerar válidos os pressupostos de Barreto pela maneira com a qual lida com a literatura e, para além disso, com a forma na qual oblitera de sua teoria a importância de ver o apagamento da história do Brasil como uma construção voltada para a manutenção de um

⁶ Em uma próxima citação, em rodapé, explico o porquê de utilizar as versões de Barreto citadas em Candido.





desejo de controle embranquecido, para não vermos o quanto fundamental é a antinegitude, como um correlato/corolário da branquitude, em sua forma de, compactuadamente, deletar o arquivo, por exemplo, da escravidão da/na crítica nacional. Afinal, se desde a *Formação* o importante é encontrar o nacional nas vielas produzidas por uma literatura de segunda ordem que precisa ser *amada*, Candido parece impossibilitado, pela própria visão, de enxergar algo para além do próprio sistema que diz descrever — a extração de valor das terras aqui violentamente ocupadas por portugueses gerando, desde seu princípio, lucro o suficiente para permitir lazer, cultura e toda a estruturação do que viria a se tornar um país.

Deletar do arquivo da História a importância da Escravidão como construtora do Brasil, no entanto, parece marco repetitivo, cada um à sua maneira, dos herdeiros da visão branca candidiana. Daí, por exemplo, se tornarem possíveis construções frasais como esta:

O passado não pode repercutir no presente como estão querendo. Esse fenômeno terrível do passado, a escravidão, não implica merecimentos no presente. É preciso partir da igualdade de condições de conhecimento. Não se pode dar o mérito antes das condições (Bernardini & Folha de S. Paulo, 2025, n.p.).

É exatamente essa a dificuldade que vejo no texto e no olhar embranquecido de Candido, professor muitas vezes situado como Mestre para Discípulos, como Bernardini. Destaco o que seleciona, em outro momento, o crítico a partir do escritor:

[...] não pude deixar de procurar, nos traços de um molequinho que me cortou o caminho, algumas vagas semelhanças com os meus. Quem sabe eu não tinha parentes, quem sabe se não havia gente do meu sangue naqueles párias que passavam cheios de melancolia, passivos e indiferentes, como fragmentos de uma poderosa nau que as grandes forças da natureza desfizeram e cujos pedaços vão pelo oceano afora, sem consciência do seu destino e da sua força interior. Entretanto, embora enchesse-me de tristeza o seu estado, eu não pude deixar de lembrar-me, sem algum orgulho, que o meu sangue, parente do seu, depois de volta de três quartos de século, voltava àquelas paragens radiante de mocidade, saturado de noções superiores, sonhando





grandes destinos, para ser recebido em casa de pessoas que, se não foram senhores dele, durante algum tempo, tinha-o (*sic*) sido de outrem da mesma origem que o meu. Eu vi também pelo caminho uma grande casa solarenga, em meio de um grande terreno, murado com um forte muro de pedra e cal. Estava em abandono, grandes panos de muro caídos e as aberturas fechadas com frágeis cercas de bambus. Eu me lembrei que a grande família, de cuja escravatura saíra minha avó, tinha-se extinguido, e que deles, diretamente pelos laços de sangue ou de adoção, só restavam um punhado de mulatos, muitos, trinta ou mais, de várias condições, e eu era o que mais prometia e o que mais ambições tinha. (Barreto *apud* Candido, 2023a, p. 61-62; o destaque na hipercorreção é meu)⁷

Eis o que conclui Candido em torno de Barreto:

a composição se organiza a partir desta metonímia extremamente eficaz, o sangue, por meio da qual a sua condição de mulato de origem modesta aparece dos dois lados, o pessoal e o social, pois a metonímia se metaforiza de certo modo, tresdobrando-se, na medida em que o sangue representa não apenas a singularidade da sua pessoa, mas, num segundo nível, os pobres diabos dos quais se imagina parente e, no terceiro, os *senhores de sua avó, certamente seus próprios antepassados*. Fluindo do individual para o social, o sangue configura uma estirpe e vincula os outros dois esteios do trecho, a “poderosa nau” e seu correlativo terrestre, a “grande casa solarenga”, desfeitas ou desgastadas pela ação da natureza = sociedade. Quando *íntegras*, elas representavam o sistema familiar com seus bens, poder, escravos, agregados. Fragmentadas, arruinadas, correspondem aos descendentes anônimos que restaram. Neste momento o escritor se identifica como representante da casa-nau (estirpe e instituição), *num orgulho afirmativo de quem conhece o próprio valor e constata que, daquele passado, social e economicamente forte e vistoso, resta ele como produto extremo. É uma expansão íntima e ao mesmo tempo uma análise metafórica da sociedade brasileira, na qual existia e sob muitos aspectos existe a ligação profunda, inclusive pelo sangue, entre dominadores e dominados, antagônicos no seu destino social*. (Candido, 2023a, p. 62, grifos meus)

⁷ Cito Barreto a partir de Candido não por desconhecer o trecho utilizado pelo autor para análise, mas sim para que seja possível ver a violência da impressão da hipercorreção. Candido, por exemplo, em nenhum momento considera os desvios de linguagem de Guimarães Rosa como algo a necessariamente precisar produzir, na crítica, o uso do *sic*. Já em textos, graças ao seu prolegômeno teórico, como os do Regionalismo, Candido chega a se perder entre corrigir, avaliar, destacar e desprezar autores e obras, umas em detrimento de outras. O problema, por fim, está na visão de Candido, não no texto (Caixeta, 2020; Cardoso, 2020).





A sugestão de ligação profunda entre escravizadores e escravizados parece transferir, de Candido, algo para o texto de Barreto que seja, minimamente, sugerido como bom, aceitável, digno de orgulho, talvez pelo mesmo fato de Candido ter, em suas memórias, orgulho da família ex-escravocrata (Candido, 2002). Tal fato, no entanto, como já dito, parece reverberar mais o lado do tom candidiano do que qualquer proposição realmente escrita em Barreto, sendo mesmo a interpretação feita pelo crítico algo impositivo do que não se comprova por algo tão simples quanto *ler* o que estaria escrito no texto. Em outras palavras: ler, *também* em Candido, é interpretar, explicar, cortar e imprimir *ao* texto algo que está fora dele — antes sequer da leitura.

Desde o elogio à funcionalidade da zoofilia⁸ como prática civilizatória em *Os parceiros do Rio Bonito*, ou às benesses da colonização portuguesa em “Literatura e subdesenvolvimento”, nota-se que a tendência ao elogio do termo “miscigenação” traduz novamente certo arco de não só benevolência ao Sujeito branco em seu Destino Manifesto em Antonio Candido, mas também ao sugerir que a própria leitura de textos produzidos a partir de qualquer reflexão em torno da subalternidade e do fim da escravização, por exemplo, como os textos de Barreto, já revela em si uma tendência fenomenológica de se experienciar o mundo como a forma correta e normativa, a fenomenologia da

⁸ Sem pensar, também, no que a não discussão do estupro faz na argumentação candidiana. O trecho, n’*Os parceiros*, ao qual me refiro, é o seguinte: “No Brasil, o erotismo zoofílico é comum nas zonas rurais, tendo sido Gilberto Freyre o primeiro a chamar sobre ele a atenção dos estudiosos, tratando da formação sexual do menino de engenho. De um ponto de vista psicossociológico, não se pode reputá-lo anormalidade. Nas fazendas e sítios, a iniciação à vida do sexo dá-se muitas vezes com animais, sendo que as novilhas, eguinhas e carneiras fixam de preferência o erotismo infantil e juvenil. A expressão eufêmica ‘encostar no barranco’, referente ao ato sexual em geral, deriva de tais práticas e revela a sua generalidade. Na área estudada elas são correntes, e como nem todos possuem gado de porte, os meninos e os jovens utilizam também as cabras, porcas e galinhas, mais acessíveis pela criação doméstica. Pode-se dizer que isso equivale à ‘masturbação compensadora’ (Forel), corrente nas cidades, sendo, como ela, etapa transitória de iniciação, superada sem dificuldade aos primeiros contatos com mulher, que se estabelecem cedo devido ao casamento precoce. Num e noutro caso, apenas a incorporação definitiva aos hábitos sexuais do adulto poderia ser considerada desvio; e tudo bem pesado, a prática rural talvez seja menos nociva que a urbana, pois repousa menos na imaginação. Proporcionando ao adolescente um certo contato direto com a realidade, ela diminui o perigo de inibições e desvios, que podem desenvolver-se em relação ao ato normal do sexo” (Candido, 2017, p. 290).





branquitude (Ahmed, 2007), prática hermenêutica branca dentro da Escola da Formação. Desde a obliteração do símbolo da casa-nau como uma junção que distorce o tempo linear, ao equiparar a Casa Grande à nau (o tumbeiro), Candido iguala qualquer chance de opressão a uma espécie de capitalismo principiante, sugerindo a equalização de trabalhadores e sujeitos subalternizados no pós-escravidão como também escravizados por uma força outra,⁹ como se o sequestro forçoso de populações inteiras do continente africano tivessem a mesma correlação violenta com qualquer prática propiciada no pós-escravatura no Brasil República, sem considerar critérios raciais como violentos, a partir da antinegritude e do movimento da branquitude, como pontos determinantes em qualquer análise possível, inclusive como características de análise não só necessárias, mas obrigatórias de certa forma, para que se entenda como é possível até mesmo a obnubilação do passado escravocrata como força agente no presente brasileiro.

Candido (2023a, p. 63), inclusive, conclui algo muito parecido com a sua preferência pelo apagamento da questão da antinegritude no seguinte momento:

A sua visão complexa e reveladora mostra a sujeição do proletário sendo homóloga à do escravo, sugerindo a aberração de ambas, inclusive pelo fato de dominadores e dominados serem eventualmente do mesmo sangue, numa espécie de monstruoso incesto econômico. E constata que o significado social dos dominadores mudou de registro, ao ponto de se entrever que o descendente dos dominados, sendo também descendente do dominador (da mesma casa, da mesma nau), representaria com maior legitimidade, devido aos seus dons, a preeminência e liderança que o dominador exerceu. Ainda aqui, portanto, verificamos o encontro favorável da confissão, da

⁹ O argumento não é em nada diferente do presente em “De cortiço à cortiço”, quando Candido, ao ler um romance publicado *dois anos após o fim da Escravatura*, sugere que raça não é critério importante para sua leitura e sugere que se foque na perspectiva de classes — essa sim a mais correta, dado que, para Candido, trabalhadores brancos subalternizados teriam as mesmas dificuldades que negros ex-escravizados no Brasil. Em suas palavras: “[o]ra, meio e raça eram conceitos que correspondiam a problemas reais e a obsessões profundas, pesando nas concepções dos intelectuais e constituindo uma força impositiva em virtude das teorias científicas do momento, tão questionáveis na perspectiva de hoje” (Candido, 2023c, p. 152).





análise social e do achado estilístico, fazendo o documento biográfico deslizar para a criação literária.¹⁰

A meu ver, quando Barreto se depara com um mais novo “dos seus”, que tanto lembra a ele de si, é com uma grande preocupação com o futuro, daquilo a ainda estar determinado no porvir, que se escreve e se dedica à reflexão o autor no trecho do diário (Sousa, 2023). É também pelas consequências ainda presentes, como o tempo da sobrevida da escravidão (Hartman, 2021; Sousa, 2023),¹¹ que os avós surgidos em sua mente não me parecem ser os senhores de engenho, mas aqueles há muito já condenados ao anonimato pela própria possibilidade de permanecer sem acesso ao arquivo de sequer um nome — dado o fato de que, como uma pessoa negra na diáspora nascida sete anos antes da Abolição da Escravatura, poderia-se prever a certeza gritante de que seus antepassados não localizáveis em registros fossem escravizados.

Não há, assim, maneiras de se pensar o futuro em Barreto ou formas de também cuidar daqueles a ainda existirem nesse mundo sem repensar a chance de se criar outro tipo de laço com o passado a permanecer presente, ainda se fazendo determinante na escritura de suas próprias linhas, demarcando desigualdades estruturantes muito mais sérias e profundas, que são o correlato do orgulho escravocrata de uma brancura benevolente em Candido. Só é possível sugerir que a todos o mesmo problema aflige caso seja gerado, como um prolegômeno, tanto um modelo de corpo branco sem corpo, quanto a regra prescrita como normal, natural e obrigatória para ser seguida,

¹⁰ Mostrando que, talvez, textos produzidos em contextos diferentes (*O Cortiço* e os diários de Barreto) não geram conclusões diferentes, só maneiras iguais de se dizer a mesma coisa, fazendo do pensamento de Candido, assim, algo não tão inquieto e/ou dinâmico — ao menos quando pensamos em textos que lidam diretamente com a problemática da herança da escravidão no Brasil.

¹¹ “Eu queria me envolver com o passado, sabendo que seus riscos e perigos ainda nos ameaçavam e que ainda agora existem vidas por um triz. A escravidão estabeleceu uma medida humana e um ranking de vida e valor que ainda têm de ser desconstruídos. Se a escravidão persiste como uma questão na vida política dos afro-americanos, não é por causa de uma obsessão antiquada com o passado ou o peso de uma memória muito longa, mas porque as vidas negras ainda estão sob perigo e ainda são desvalorizadas por um cálculo racial e uma aritmética política que foram entrincheirados séculos atrás. Esta é a sobrevida da escravidão — oportunidades de vida incertas, acesso limitado à saúde e à educação, morte prematura, encarceramento e pobreza.” (Hartman, 2021, p. 13)





sem sequer a chance de dissenso, dado que isso tudo é natural, placentário, originário de um transplante de um galho secundário, de um mero arbusto advindo do jardim das Musas europeias, que é a literatura brasileira para Candido (cf. Candido, 2023b).

Se para Barreto o tempo da escravidão existia ainda em uma sobrevida extremamente latente, pois se anunciava, em seu próprio dia a dia, em uma construção social que ainda bebia dos lucros históricos do processo de escravização, o mundo de Candido não é assim tão distante, ainda que o autor tente sugerir o contrário. É, no entanto, pela possibilidade de obnubilar a sua própria ascendência, por não considerá-la problematizável, mas sim a geração de um modelo ainda a ser venerado pelo seu próprio tempo como a solução do melhor dos dois mundos (Moraes, 2020) que a regra se impõe, não sua exceção ou sua superação. Assim, não há dialética, há *dicotomia* determinada aprioristicamente por um traço diferencial metodológico que tende ao polo já vencedor, não a uma possível consequência que encerre o diálogo dicotômico e forçosamente antagônico pelas mãos do autor uspiano. Se a própria sugestão da leitura de um texto de um autor negro passa pela possibilidade de considerar o tempo da escravidão como algo a ser *elogiado* pela possibilidade de *posse* de pessoas já se nota, talvez, a obrigatoriedade da reinserção da construção do olhar e de seus símbolos (visão, natureza e conhecimento sem necessidade de crítica por ser “óbvio”), como também repletos de uma construção fincada (enraizada) em parâmetros de submissão racial (Mirzoeff, 2023).

3 ANÁLISE 2

Pensando um fim que também poderia ser um começo, me lembro de outros textos nos quais a leitura de Candido, ao lidar com pessoas negras, se transforma, num movimento a possivelmente ser chamado de *estranho*, em um elogio à supremacia branca: seja em “Dialética da Malandragem” com o elogio do sumiço do escravizado na escritura de *Memórias de um sargento de milícias*,





transformando o mundo do Período Joanino (o Brasil Escravocrata) em um Mundo sem culpa; ou em “Esquema de Machado de Assis”, no qual Machado se torna tantas coisas diferentes que, eventualmente, parece não significar nada *que não seja algo fora de Machado*; ou em entrevista a Pablo Rocca (2006, p. 468, grifos meus), quando diz que Mário de Andrade era “de estatura elevada, talvez um metro e oitenta seis ou sete, *amulado, feio, meio afetado*”, Candido parece ser impossibilitado de enxergar o mundo de uma forma que seja, por fim, não-branca. Se considerarmos também a imputação da cisheteronormatividade como Lei, reler o trecho acima citado em torno de Andrade se torna, ainda mais uma vez, quicá um tanto cruel para o Mestre que, em tantos exercícios memorialísticos, é visto em uma mistura de Pai, Professor, *Deus ex-machina*, etc — ou, ainda, é exatamente *aí* que, por fim, moraria o problema, sendo um tanto difícil diferenciar Candido de um “Bom Senhor Escravista”.

Menos do que tentar se transformar em um exercício inoculativo a certos textos candidianos para que, em uma avaliação geral/genérica, acabássemos fazendo *a mesma coisa que Candido faz*, ou seja, estipular os textos “de valor” e os textos “não-tão-bons” de Candido, meu exercício de leitura, aqui, tenta deixar como interrogação e convite final a seguinte observação: se em textos tão importantes para as mais variadas vertentes críticas que herdaram o pensamento de Candido, como os citados nessa última parte, além de “De cortiço à cortiço” e “Radicalismos”, por exemplo, é possível ver uma tensão entre apagar *uma* história como a incorreta para se colocar ali, na retórica, um movimento “novo” do pensamento que, em um giro confuso, se torna *a* confirmação da tradição, ou seja, da visão branca, não seria mais interessante, por fim, não distinguirmos os textos de Candido entre “os de leitura de pessoas brancas” vs. “os de leitura de pessoas não-brancas”¹² e passarmos a entender, por fim, seu projeto como um módulo totalizante/totalizador da visão branca?

¹² Ou, ainda, não dividirmos mais Candido entre o Humanista e o Marxista?





Racializar Candido a partir de sua branquitude, por fim, não busca considerá-lo discurso limitado, limitante ou superado. Mas, de outra forma, *confirmar* que sim, Candido e aquilo a aparentemente ser representado por ele nos Estudos Literários (Natali, 2020) é a branquitude em ação, mesmo se em sua face mais “Humanista” possível, como em “O direito à Literatura”, cuja moldura é um projeto de dominação, de silenciamento do dissenso e da exclusão da diferença (Moraes, 2023). Por fim, digo que:

O papo é o seguinte: resumidamente, todos os outros grupos vivem em um contexto de violência que tem o que eu chamaria de uma espécie de base psicológica, o que significa que eles podem escrever uma frase sobre o porquê de estarem sofrendo essa violência. Os nativos americanos podem escrever uma frase que diga: “Estou sofrendo violência porque essa é uma tática contínua dentro de uma estratégia de colonização”. As feministas brancas podem dizer o mesmo, que “essa é uma tática contínua dentro de uma estratégia do patriarcado”. Para uma pessoa negra tentar imitar esse tipo de lente interpretativa, o problema se torna muito maior. Para nós, essa é a tática contínua de uma estratégia de renovação humana. A violência contra nós se torna uma tática dentro de uma estratégia para garantir o lugar da Humanidade. Não é uma tática em uma estratégia contínua para tirar nossas terras ou nossos direitos. Nós nunca tivemos direitos (Wilderson III, 2014, n.p., tradução minha).

AGRADECIMENTOS:

Este texto foi escrito com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo, processo de número 2022/15480-7. As opiniões expressas neste texto são de responsabilidade exclusiva da autoria do texto. Dedico este texto à Fernanda Silva e Sousa.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. Phenomenology of Whiteness. **Feminist Theory**, v. 8, n. 2, p. 149-168, 2007.

AUGUSTO, Jorge. **Modernismo negro - a literatura de Lima Barreto**. Salvador: Segundo Selo, 2024.





BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

BERNARDINI, Aurora; FOLHA DE S. PAULO. **Aurora Bernardini: Ernaux e Ferrante são só best-sellers (2025)**. Disponível em www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/08/itamar-ernaux-e-ferrante-sao-interessantes-mas-nao-literatura-diz-aurora-bernardini.shtml. Acesso em 03 out. 2025.

BOSI, Alfredo. *O cemitério dos vivos*. Testemunho e ficção. **Literatura e sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 10, p. 13-25, 2007.

CAIXETA, Maryllu de O. A transfiguração do dragão ou a sobrevida do regionalismo. **Criação & Crítica**, São Paulo, n. 26, p. 12-39, 2020.

CANARINOS, Anna Karla. **Além da Formação**: teoria e crítica literárias no Brasil em chave comparativa (anos 1960-1980). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2024.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo; Rio de Janeiro: EdUSP; Ouro sobre Azul, 2017.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. São Paulo: Todavia, 2023a.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. São Paulo: Todavia, 2023b.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Todavia, 2023c.

CANDIDO, Antonio; DANTAS, Vínicius. **Textos de intervenção**. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora 34; Ouro sobre Azul, 2002.

CARDOSO, Rodrigo O. A questão do primitivismo e a representação dos povos indígenas em Antonio Candido. **Criação & Crítica**, São Paulo, n. 26, p. 55-70, 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MIRZOEFF, Nicholas. **White Sight**: Visual Politics and Practices of Whiteness. Cambridge: MIT Press, 2023. Edição virtual.

MORAES, Anita M. R. de. **Para além das palavras**: representação e realidade em Antonio Candido. São Paulo: EdUNESP, 2015.

MORAES, Anita M. R. de. Resenha de Antonio Candido 100 anos. **Criação & Crítica**, São Paulo, n. 26, p. 182-189, 2020.





MORAES, Anita M. R. de. **Contornos humanos: primitivos, rústicos e civilizados** em Antonio Candido. Recife: Cepe Editora, 2023.

MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos**. Tradução de Eliana L. de L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

NATALI, Marcos P. **A literatura em questão: sobre a responsabilidade da instituição literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

PEDROSA, Célia. **Antonio Candido: a palavra empenhada**. São Paulo: EdUSP, 1994.

REIS, Roberto. Canon. In: JOBIM, J. L. (Org). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92

ROCCA, Pablo. **Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano**. Tese (Doutorado em Letras Modernas). 530f. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Modernas, 2006. Orientador: Jorge Schwartz.

SAKAI, Naoki. **Voices of the Past: the status of language in eighteenth-century Japanese discourse**. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

SANTIAGO, Silviano. Uma ferroada no peito do pé: uma dupla leitura de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. **35 ensaios de Silviano Santiago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 228-243.

SILVA, Priscila Elisabete da. **As origens da USP: raça, nação e branquitude na universidade**. Curitiba: Appris Editora, 2020.

SOUSA, Fernanda Silva e. **A terrível beleza cotidiana do negro drama: uma leitura com e contra o arquivo da escravidão dos diários de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus**. Tese em Letras (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). 453f. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, 2024. Orientador: Marcos Piason Natali.

STORM, Jason A. J. The Hegemony of Genealogy. **boundary 2**, Durham, v. 52, n. 3, p. 27-84, 2025.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.





WILDERSON III, Frank B. **“We’re trying to destroy the world” Anti-Blackness & Police Violence After Ferguson An Interview with Frank B. Wilderson, III (2014).** Disponível em

<https://illwilleditions.noblogs.org/files/2015/09/Wilderson-We-Are-Trying-to-Destroy-the-World-READ.pdf>. Acesso em 12 dez. 2025.

